

1

Num dia sem vento de julho, o fumo sobe a direito para o céu. O pastor Johannes Malmberget é levado a remos para a ilha e recebido pelo pescador-tornado-agricultor Hans Barrøy, o legítimo proprietário da ilha e chefe da sua única família. Está de pé no embarcadouro que os seus antepassados construíram com pedras da costa e vê o *færing* que chega, as costas protuberantes dos dois remadores e, por trás das suas boinas de tecido preto, a cara sorridente e acabada de barbear do padre. Quando já estão perto, ele grita:

“Ora, ora, ‘í vem a aristocracia.”

Malmberget ergue-se atrapalhadamente e examina a costa e os prados que sobem até às casas no meio do pequeno arvoredo, ouve os gritos das gaivotas e dos alcatrazes que grasnam como gansos em todos os rochedos ao longo da costa, ouve as gaivinas e os pernilongos que perfuram as praias, brancas como a neve sob o sol radiante.

Mas, quando trepa para fora do *færing* e dá os primeiros passos trémulos ao longo do molhe, depara-se com algo que nunca tinha visto, a sua casa na ilha principal vista de Barrøy, juntamente com o Entrepasto e os edifícios, as casas da quinta, as faixas de mata e a frota de pequenos barcos.

“Eh pá, que p’canino que aquil’ é. Mal vej’as casas.”

Hans Barrøy diz:

“Oh, ê’ cá vejo-as bem.”

“Tens melhor vista que eu, atão”, diz o padre, a olhar para a comunidade em que trabalhou nos últimos trinta anos, mas que nunca viu dum ponto de observação tão diferente.

“Pois é, nunca cá tinhas ‘tado.”

“Sã’ ‘mas boas duas horas a remar.”

“Na’ tinham velas?”, diz Hans Barrøy.

“Na’ há vento”, diz o padre de olhos ainda postos na sua casa, mas a verdade é que tem pavor do mar e ainda está a tremer e extasiado por estar vivo depois da travessia calma.

Os remadores sacaram dos cachimbos e estão sentados de costas, a fumar. Finalmente o padre consegue apertar a mão a Hans Barrøy e, ao fazê-lo, vê o resto da família que desceu das casas: o velho pai de Hans, Martin, viúvo desde que a mulher morreu há quase dez anos, a irmã solteira e muito mais nova de Hans, Barbro. E a mulher que reina na ilha, Maria, a trazer pela mão Ingrid, de três anos, todos nas suas roupas de domingo, repara o padre com satisfação, devem ter visto o barco quando passava Oterholmen, que agora não é mais do que um chapéu preto a boiar no mar, a norte.

Ele dirige-se ao pequeno rebanho, que parou de descer e ficou ali a olhar para a erva, e depois aperta a mão a cada um deles à vez, nenhum ousa olhar para cima, nem mesmo o velho Martin, ele tirou o gorro encarnado, e finalmente Ingrid, que, o padre repara, tem mãos brancas, limpas, nem sequer unhas pretas, e que também não foram roídas mas estão muito bem cortadas, e olha para aquelas covinhas onde os nós dos dedos hão de aparecer. Ele fica parado a observar esta pequena obra de arte e a pensar que em breve vai ser a mão de uma mulher trabalhadora, uma mão dura, escurecida da terra e calejada, uma mão de homem, um daqueles bocados de madeira em que, mais cedo ou mais tarde, todas as mãos se tornam aqui, e diz:

“Ah, atão aqui estás, minha querida. Acreditas em Deus?”

Ingrid não responde.

“Acredita, pois”, diz Maria, que é a primeira a olhar diretamente para o convidado. Mas de repente ele faz a descoberta inicial outra vez e então dá uns quantos passos decididos, passando o abrigo para barcos que se ergue da água como um degrau, e sobe a um monte de onde a vista ainda é melhor.

“Céus, consig’ ver o presbitério tam’ém.”

Hans Barrøy passa ao lado dele e diz:

“E daqui consegues ver a igrêja.”

O padre apressa-se atrás dele e pára a admirar a igreja caiada que emerge e parece um selo dos correios gasto debaixo das montanhas pretas onde umas últimas manchas de neve parecem dentes numa boca podre.

Continuam a subir, enquanto discutem batizados e peixe, e pnuagem de êider, e o padre deixa-se ir num encómio da ilha de Barrøy, que da sua casa não parece mais do que uma pedra preta no horizonte, mas que afinal é o jardim mais verde, tem, em nome de Deus, de conceder, assim como muitas das ilhas aqui, habitadas só por uma ou duas famílias, supõe ele, Stangholmen, Sveinsøya, Lutvær, Skarven, Måsvær, Havstein, uma mancheia de pessoas em cada, que trabalham uma camada magra de terra, pescam os fundos do mar e têm crianças que crescem e trabalham os mesmos terrenos e pescam os mesmos fundos; isto não é uma costa infértil e desolada, é mais uma fiada de pérolas e um colar de ouro, o que ele costuma sublinhar nos seus sermões mais inspirados. A questão é porque é que ele não vem cá mais vezes.

E a resposta é o mar.

O padre é de sequeiro, e poucos dias no ano são como este, tem vivido o verão inteiro com terror disto. Mas, ao estar aqui, na base de uma rampa de celeiro coberta de erva, a olhar para a sua paróquia eterna, onde Deus marcou a Sua presença desde a Idade Média, de repente apercebe-se de que não conhecia a sua aparência, até agora, é vexante, como se tivesse tido um véu à frente dos olhos estes anos todos, como se tivesse sido a vítima de uma fraude que durou uma vida, não só em relação ao tamanho do seu rebanho mas também da sua missão espiritual, será que é mesmo só isto?

Felizmente, o pensamento é mais inquietante do que ameaçador, metafísica do mar onde todas as distâncias enganam, e ele está quase a perder a concentração outra vez mas aí vem a família — o velho, agora com o gorro na cabeça, a imponente Maria logo atrás dele e a robusta Barbro, que o padre não conseguiu crismar no passado por várias razões muito pouco claras — filhos silenciosos de Deus numa pequena ilha no mar, que afinal se revela uma joia.

Começa a discutir com eles o batizado que se aproxima, o de Ingrid de três anos, com o cabelo castanho-alcatroado comprido e olhos vivos, e pés que provavelmente não vão ver um par de sapatos

até outubro; onde é que ela arranjou aqueles olhos tão destituídos daquela estupidez letárgica gerada pela pobreza?

No mesmo fôlego eufórico, ele declara que gostava de ouvir Barbro cantar no batizado, tem uma voz tão bonita, tanto quanto se lembra...

E um rubor de constrangimento espalha-se pela família.

Hans Barrøy chama o padre à parte e explica-lhe que Barbro tem boa voz, sim, mas que ela não sabe as letras daqueles hinos, só faz sons que acha que estão certos, e normalmente estão, mas também foi por essa razão que ela não foi crismada, entre outras razões, de que o padre provavelmente se lembra.

Johannes Malmberget abandona o assunto, mas há outra questão que gostava de discutir com Hans Barrøy, a propósito do epitáfio obscuro, um verso inscrito na lápide da mãe de Hans de acordo com os desejos dela, que o tem incomodado desde que ela foi enterrada no seu cemitério, não é apropriado para uma pedra tumular, é ambíguo e parece proclamar que a vida não merece ser vivida. Mas, como Hans também não se mostra muito expansivo em relação a isto, o padre volta ao assunto da penugem de pato e se eles têm alguma para vender, ele precisa de dois edredons novos lá para casa e está disposto a pagar mais do que eles conseguiriam no mercado ou no Entreposto, a penugem vale o peso em ouro, como se diz aqui...

Finalmente têm algo de que falar que é terra a terra e claro como água, e entram em casa, onde Maria estendeu uma toalha na mesa da sala, e, depois de um crepe *lefse*, café e de um negócio mutuamente aceitável, o padre descontrai, sentindo agora que o maior bem que lhe podia caber era o do sono, e então as suas pálpebras fecham-se e a sua respiração torna-se mais pesada e arrastada. Está sentado na cadeira de baloiço de Martin com as mãos no colo, um padre a dormir em casa deles, é uma visão ao mesmo tempo impressionante e ridícula. Uns de pé, outros sentados, continuam à volta dele até que ele abre os olhos e faz uns estalos com a boca e se levanta com ar de quem não sabe onde está. Mas depois reconhece a família e faz uma vénia. Como quem agradece. Eles não sabem porque é que lhes está a agradecer, e ele não diz uma palavra enquanto o acompanham lá abaixo ao barco e o veem deitar-se à popa, num monte de redes

de pesca, abraçado a uma saca de penugem e a uma barrica pequena de ovos de gaivota, apenas para fechar os olhos outra vez. Quando os deixa, parece estar a dormir. O fumo ainda é uma coluna vertical para o céu.